

SAPÉ: MEMÓRIA E ESQUECIMENTO NUMA PERSPECTIVA MISTA ENTRE A DEDICAÇÃO E O DESCASO DA SOCIEDADE LOCAL

Silvânia Norberto das Chagas¹

Introdução

Este artigo busca fazer um resgate do patrimônio histórico da cidade de Sapé, uma cidade bastante rica em quantidade do seu acervo histórico, porém, este mesmo acervo tem sofrido bastante no decorrer dos anos, com o descaso e o abandono dos líderes políticos da cidade.

Também, pretendo realizar uma discussão sobre a importância da preservação da memória coletiva de um local, neste caso, da cidade de Sapé, bem como também a preservação do patrimônio cultural da mesma, farei uso de fontes historiográficas para a execução desse artigo, que segue a linha de pesquisa: história, memória e patrimônio cultural.

1. Sapé e suas origens

A cidade de Sapé encontra-se localizada a cerca de 62 km da capital do estado da Paraíba (João Pessoa), fazendo limites com as cidades de Sobrado, Mari, Espírito Santo e Capim de Mamanguape, sua população gira em torno de 50.151 habitantes.

O povoado que deu origem a cidade de Sapé, iniciou sua formação a partir da implantação da malha ferroviária na região, sua região por ser formada praticamente por planícies pode ser bem aproveitada pelo setor ferroviário, em 1882, foi fundada a estação da estrada de ferro Great Western na localidade, foi a partir deste momento que o povoado iniciou efetivamente a sua formação e posteriormente seu desenvolvimento, a localidade recebeu o nome de “Sapé” devido a uma gramínea típica da região:

Sapé município da caatinga litorânea via vereda. Também uma espécie de gramínea cujas folhas são muito utilizadas para a cobertura de habitações rústicas, e com que os indígenas faziam facho para alumiar o caminho, quando saíam à noite. Usavam igualmente para cobrir a habitação. Do tupi, ÇAPÉ= alumiar. (ALMEIDA, 1997:133)

¹ Graduanda em história pela Universidade Estadual da Paraíba

Foi nesse período que o povoado começou a crescer e gradativamente a se desenvolver, as margens da ferrovia aos poucos foram edificadas as primeiras construções, como: algumas casas, uma capela, uma casa de mercado, um cemitério, pois, antes os mortos eram sepultados no povoado vizinho (Sobrado) e em 1916 iniciaram-se as obras de construção da Matriz do povoado; No dia 1º de dezembro de 1925, após disputas políticas, o povoado é elevado à categoria de cidade, deixando de ser submissa ao município de Espírito Santo, trocando literalmente de papéis, pois, com o decreto da Lei N° 627, o antigo município de Espírito Santo passa a condição de distrito do município de Sapé

LEI N°. 627, de 01 de dezembro de 1925 suprime o Município de Espírito Santo e o respectivo termo judiciário, e cria município de Sapé. João Suassuna, presidente do Estado da Paraíba do Norte. Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléia Legislativa do mesmo Estado decretou e eu sancionei a lei seguinte: Art. 1º - Fica suprimido o Município de Espírito Santo, bem como o respectivo termo judiciário. Art. 2º - é criado o Município de Sapé, que terá por sede a atuação povoação deste nome, elevada a categoria de vila [...] (MAIA, 1985: 42)

Com a independência política, o então município continuou seu desenvolvimento num ritmo mais acelerado, foram surgindo com o passar dos anos, mais casas comerciais, mais residências, o poder público criou áreas de lazer, clubes recreativos, grupos escolares e foram realizadas algumas melhorias na área de infra-estrutura da cidade (iluminação pública, água, saneamento básico, etc.), lentamente o antigo povoado começava a ganhar ares mais urbanos.

2. Sapé e seus patrimônios

Sapé desde a sua origem, quando ainda era um simples povoado, até os dias atuais sofreu grandes mudanças como qualquer outra cidade, com o passar dos anos a necessidade da modernização na urbanização trouxe consigo, não só benefícios como também malefícios, neste caso em particular, o número de malefícios superou assombrosamente a quantidade de benefícios como demonstrarei em seguida.

Pouco ainda se encontra visível do passado na cidade de Sapé, são raríssimas as construções que ainda sobrevivem à ação do tempo e claro a do homem, com esta

necessidade de melhorias, grande parte das edificações originárias do período da formação do povoado em 1883 sucumbiu:

Fim das sociedades-memória, como todas aquelas que asseguravam a conservação e a transmissão dos valores, igreja ou escola, família ou Estado. Fim das ideologias-memórias, como todas aquelas que asseguravam o que se deveria reter do passado para preparar o futuro: quer se trate da reação, do progresso ou mesmo da revolução. (NORA, 1995: 08)

Porém, isso não é só reflexo dessa necessidade de modernização, é também fruto da falta de políticas públicas direcionadas à preservação desses locais, como também a falta de conhecimento da população em torno do tema, um exemplo, é o caso da antiga estação ferroviária da cidade, que foi demolida, para posteriormente ser construída em seu local a atual Praça Augusto dos Anjos.



Antiga Estação Ferroviária de Sapé

www.estacoesferroviarias.com.br



Praça Augusto dos Anjos

www.sapeonline.info

Entre os vários patrimônios pertencentes a população sapeense, posso citar: a casa dos pais de Augusto dos Anjos, a casa de sua ama de leite, que atualmente foi transformada no Memorial Augusto dos Anjos, a Fonte do Arco, a Igreja Matriz, a Usina Santa Helena, entre outros.



Casa da ama de leite de Augusto dos Anjos

www.sarahdosanjos.blogspot.com

A maior parte desses locais foi totalmente destruída, ou então, parcialmente modificada, porém, alguns ainda sobrevivem aos dissabores do tempo, e outros foram até restaurados, como é o exemplo da casa da ama de leite de Augusto dos Anjos, que se transformou no Memorial Augusto dos Anjos, ponto turístico da cidade, onde frequentemente ocorrem várias excursões estudantis, além, da visitação do público em geral.



Memorial Augusto dos Anjos

www.almadepoeta.com

No entanto, as maiores transformações ocorridas na estética da cidade, se concentraram no centro, justo, a sua parte mais antiga, em suas principais avenidas, através da pavimentação das ruas, das reformas de algumas casas, da construção do calçadão e da Praça Augusto dos Anjos, que foi resultado da demolição da antiga estação de trem da cidade, da conversão de alguns prédios em pontos comerciais, como é o caso do Antigo Cine Luiz, que se transformou atualmente numa loja de móveis, tudo isso revela o quanto é debilitada a preservação patrimonial existente no município, e se é que existe algum tipo de preservação na localidade, além, do total abandono para com alguns outros pontos, como é o caso da Fonte do Arco, que desde que foi deixada em desuso, simplesmente jogaram-na no esquecimento não só da população como também do poder público, se encontrando atualmente num estado deplorável, símbolo da falta de compromisso com a preservação da própria memória da cidade.



Fonte do Arco

www.sapeonline.info

3. Porque preservar um patrimônio local?

A questão da preservação patrimonial é bastante complicada em vários locais e variando de região essa complicação pode aumentar demasiadamente ou não, na cidade de Sapé este fator trás mais discussão devido principalmente à falta de conhecimento da população sobre a importância cultural desse ato.

Recentemente foram feitas pesquisas no município, sobre o nível do conhecimento da população sobre a história da formação da cidade, o resultado foi

simplesmente assustador, praticamente todos os entrevistados assumiram que sabem muito pouco, ou então, não sabem absolutamente nada sobre o referido tema, e o pior não conhecem nenhuma edificação na cidade que seja proveniente do período de sua instauração, o que assusta mais no resultado dessa pesquisa, é que a grande maioria dos entrevistados são jovens moradores da cidade de Sapé, que rotineiramente passa diante de várias construções que datam o período em que a cidade se formou e nem se dão conta disso, por que como muitos afirmaram isso não os interessa, para alguns desconhecer ou não o passado de sua cidade, não influencia em praticamente nada na vida deles, concepção essa que deve ser desconstruída o mais rápido possível, pois, é impossível compreender o seu presente sem conhecer o seu passado, existem ligações extremamente íntimas, entre os dois períodos que deixam marcas imensuráveis rotineiros do nosso cotidiano, que só conhecendo suas origens para tentar compreendê-los.

Enquanto as memórias falam de si ou dos seus, procurando encontrar uma estabilidade, uma identidade entre o passado e o presente, o passado é construído como uma semelhança do presente, por isso as recordações estão cheias de reclamações em relação às mudanças e as diferenças, As memórias buscam sempre preservar a idéia de uma essência que atravessa os tempos. (ALBUQUERQUE JR., 2007: 207)

Infelizmente, a idéia de preservação ainda está muito concentrada entre os estudiosos do ramo, as pessoas não conseguem compreender por que elas têm que contribuir nessa luta, pois, julgam-na trabalho para historiador e outros nem isso o fazem, e é justo nesse momento em que devemos nos empenhar em desconstruir esse estereótipo que foi criado em torno da preservação patrimonial, pois, a história faz parte da vida de todos, sem espaço para exceções.

As memórias nascem de uma relação consigo mesmo; a História nasce de uma relação com o outro, com a alteridade. As memórias, portanto, constroem identidades; a História violenta identidades para descobri-las diferentes internamente. (ALBUQUERQUE JR., 2007: 207)

O patrimônio histórico remete a construção da identidade de um determinado local, que está intimamente ligado à memória de um grupo, e quando não existe um patrimônio, seja ele edificado ou não, a perpetuação dessa memória torna-se debilitada, pois, antes de qualquer coisa, é de suma importância a preservação da memória de

qualquer lugar, a memória seja ela individual ou coletiva, contribui efetivamente no processo de afirmação de identidades, e a conservação dos patrimônios históricos locais, podem auxiliar bastante a afirmação dessas identidades coletivas.

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992: 204)

Considerações finais

A preservação do patrimônio cultural necessita de um grande “empurrão” da parte de seus idealizadores para que dessa forma ela se engaje realmente no cotidiano das pessoas, primeiro tem que repassar para a população o que é patrimônio cultural e para que ele serve, para depois tentar transmitir a idéia de por que elas tem que participar desse movimento preservacionista, anda se encontra muito fincada no imaginário popular a concepção de que tudo que é “velho” não serve mais.

O tempo desta história que se acelera vertiginosamente em nosso século é o tempo das mudanças, das transformações e da destruição, ao passo que o tempo da memória coletiva é o da permanência e o da continuação. A memória é a vida sempre guardada pelos grupos vivos e em seu nome, ela está em evoluções permanentes, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todas utilizações e manipulações, [...] a história é uma representação do passado. Por que ela é afetiva e mágica, a memória se acomoda nos detalhes que a conformam; ela se nutre de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a toda transferência, censura ou projeção. (DECCA, 1992: 130)

O exemplo de Sapé demonstra o quanto à população desconhece essa questão da preservação, é imensuravelmente lastimável saber que a população sapeense não tem a mínima idéia de suas origens, que várias pessoas passam diante de vestígios do passado de sua cidade e nem se dão conta disso, enquanto, os que lutam para reavivar essa memória têm que entrar em embates contra a ação do tempo e a pior de todas elas, a do homem, que tanto se esforça para apagar por completo qualquer resquício que remeta ao passado da cidade, em alguns casos em particular, pela própria falta de uma afirmação que os demonstre que é importante conhecer e preservar suas origens e não perda de

tempo ou de dinheiro, como muitos acreditam: “Sem dúvida, para que haja um sentimento de passado, é necessário que ocorra uma brecha entre o presente e o passado, que apareça um ‘antes’ e um ‘depois.’”(NORA, 1995:19)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina & CHAGAS, Mário. (org.s) Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneos. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. História: a arte de inventar o passado. Bauru, SP: Edusc, 2007

ALMEIDA, Horácio de. História da Paraíba. 3ed. João Pessoa. Universitária/ UFPB. 1997

DECCA, Edgar Salvadori de. O Direito à Memória: patrimônio histórico e cidadania. “Memória e Cidadania”. DPH. São Paulo: DPH, 1992

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da Unicamp. 1990

MAIA, Sabiniano. Sapé sua história, suas memórias 1883 – 1895. João Pessoa. Unigraf, 1985

NORA, Pierre. Lês lieux de mémoire. Paris: Gallimard, 1994. Tradução: Yara Aun Khoury. “Entre a memória e a história: a problemática dos lugares.” Projeto História. São Paulo: Vertice, 1990

PINSKY, Carla Bassanezi & LUCA, Tana Regina de (orgs) O historiador e suas fontes. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2009

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992